

# MARCIO MOREIRA ALVES



de Brasília

## A lei e a ordem

• O presidente Fernando Henrique deu um dó de peito em favor da lei e da ordem, ao entregar o ministério da Justiça ao eminente jurista goiano Íris Rezende. Disse que baionetas são mais poderosas que paus e pedras, uma constatação militar que seria elementar caso ainda se usassem baionetas. Do outro lado, João Pedro Stédile, do MST, recomendou a organização popular para que se tome na marra o que falta aos pobres.

O discurso presidencial foi acolhido pela oposição como um sintoma evidente do caminhar para o autoritarismo. Fernando Henrique, apesar do seu pé na cozinha, mulatinho caipira que diz ser, estaria ficando com os olhos apertados de japonês, inspirado no exemplo de Fujimori. Já as declarações de Stédile, feitas no tolerante ambiente do Forum Nacional, onde o ex-ministro Reis Velloso reúne as mais díspares cabeças pensantes do país no aconchego do BNDES, foram ouvidas no governo como se tivessem sido feitas no Clube dos Jacobinos, durante a Revolução Francesa. A julgar pelo dramático dos comentários de alguns parlamentares e governantes, estariam sentindo no pescoço o gume frio da guilhotina. Convém dar um prudente desconto na retórica dos grupos em confronto para se entender o que acontece no país. Nem um nem outro lado pretende concretizar os projetos que lhes são atribuídos pelos adversários, ainda que Fernando Henrique disponha de mais instrumentos para fazê-lo que a liderança do MST. O apelo cada vez mais claro a

nos países do Leste, submetidos ao socialismo burocrático do regime comunista, como no Brasil, que sofreu debaixo de uma ditadura que nos foi imposta pela guerra fria. As esquerdas são hoje profundamente democráticas, o que não impede que frações totalitárias continuem a dizer que a elas pertencem. O mesmo fenômeno de abrigo indevido de totalitários acontece sob as bandeiras liberais do centro e da direita, que também são democráticas. No Brasil, muitos ideólogos e servidores da ditadura se intitulam liberais por defenderem a liberdade dos mercados, quando, na realidade, sempre foram e continuam sendo totalitários de direita. Tomam hoje o santo nome da liberdade em vão. Se assim é, qual a razão para as acusações de querer quebrar a normalidade democrática que trocam as forças políticas em choque? Em primeiro lugar, há uma razão material para as acusações da esquerda. É a incrível desigualdade da repartição da riqueza no Brasil. Essa desigualdade não se traduz apenas pelo abismo entre o percentual do PIB que cabe aos 20%

um golpe para derrubar o presidente e a ordem constitucional, que Leonel Brizola vem fazendo, é uma manifestação ultra minoritária, inclusive na esquerda e até mesmo no seu próprio partido. Arnaldo Jabor interpretou o pronunciamento do ex-governador como sendo uma pregação fascista, modelo Mussolini. Um exagero. A sua rejeição à inteligência e à cultura é apenas uma manifestação de despeito pela rejeição que sofreu em setores da intelectualidade progressista, onde, antes de ser verdadeiramente conhecido, chegou a ter numerosos adeptos. O fascismo tinha uma teoria do Estado muito mais organizada que o brizolismo e Mussolini uma horda de seguidores, mesmo no Brasil, muito mais numerosa que os 3% de votos obtidos pelo ex-governador do Rio nas últimas eleições presidenciais. A sociedade brasileira, apesar da nossa propalada amnésia política, está vacinada contra a ditadura e os auto-nomeados salvadores da Pátria. Houve um tempo em que grande parte das esquerdas referia-se às liberdades democráticas de maneira depreciativa, chamando-as de "liberdades burguesas". Devia-se essa atitude a uma má leitura de Marx, e, sobretudo, a uma péssima interpretação da história política da Europa. As liberdades democráticas sempre foram liberdades populares, conquistadas com sangue e luta pelos despossuídos contra a tendência ditatorial de elites políticas e econômicas. Elas protegem os mais fracos contra a prepotência dos mais fortes. O tempo do desprezo pelas liberdades democráticas passou, tanto na Europa, inclusive

mais pobres e aos 20% mais ricos, que é escandaloso. Mais escandaloso ainda, é a parcela dos gastos sociais do governo, ou seja, do dinheiro para saúde, educação e habitação, que é apropriada pelos mais ricos. Segundo uma tabela publicada pela presidência da República, no Chile os 20% mais pobres ficam com 36,3% dos gastos sociais e os 20% mais ricos, ficam com 4%. No Brasil, as coisas se invertem. Os mais pobres ficam com 15,5% dos gastos sociais e os mais ricos com 20,9%.

A desigualdade vem de sempre, como Fernando Henrique reconheceu ao definir o Brasil como um país injusto, mas se eterniza. Como os despossuídos aprenderam a se organizar durante a ditadura, em parte graças aos movimentos católicos, onde Stédile se formou, começam a perder a paciência. A crise social explode na cara dos governantes, na cidade e no campo. E as respostas dos responsáveis por uma máquina administrativa incompetente e sucateada, especialmente no Incra, é de uma insuficiência irritante.

Se o Brasil custa a mudar dentro das regras democráticas, não é com a quebra da lei e da ordem que mudará mais depressa. Ao longo dos nossos quase 500 anos, a desobediência à lei sempre fortaleceu a desigualdade. Daí a irritação de Fernando Henrique com a guerrilha de ovos e pedras que vem enfrentando ultimamente.

Porque não se sentam e discutem a questão social? Talvez a resposta esteja mesmo na tese do porta-voz Sérgio Amaral, que publiquei sexta-feira: a precipitação da campanha eleitoral dificulta o diálogo.

E-mail para esta coluna: [alves@rudah.com.br](mailto:alves@rudah.com.br)